

PRÁTICA DOCENTE CRÍTICA E REFLEXIVA: DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO JOVEM

Waldirene Pereira Araújo¹
Carmen Lúcia de Oliveira Cabral²

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar as relações entre prática docente crítica e reflexiva e a juventude, verificando os desafios dessa prática na formação do aluno jovem. Apresenta a problemática: como a prática docente crítica e reflexiva propicia a formação do jovem a partir das relações estabelecidas no espaço escolar? O referencial teórico está pautado nos autores: Beáton (2005), Day (2001), Gatti (2014), Nóvoa (1992; 1995), Imbernón (2002; 2010), Tardif (2002), Larrosa (2006), Souza (2012), Freire (1997), Zeichner (1993), Dayrell (1992; 2006), Levi; Schimitt (1996), Pais (1997), Sacristán (1994), Veiga (2013), Vigotski (2003), entre outros. A metodologia utilizada é de natureza teórico-descritiva, com os recursos da pesquisa bibliográfica, na análise do objeto de estudo através das discussões conceituais da prática docente e formação do jovem. Evidencia-se que a prática docente crítica e reflexiva pode reconhecer o aluno como sujeito da (re) construção do conhecimento, o mesmo possui um acúmulo de experiências em múltiplos espaços, através das quais elabora uma cultura própria. Esta pesquisa aponta que as relações entre a prática docente crítica e reflexiva e a formação do jovem são parte de um ideal formativo, pressupõe que o saber fortalece e liberta, proporcionando uma forma de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Prática docente. Formação continuada. Juventude. Espaço escolar. Cultura.

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna apresenta, em todos os setores, a necessidade de formação. No campo educacional, considera-se o homem em sua totalidade, com suas inteligências múltiplas para interagir com ética e sensibilidade. Nesse processo, a formação é compreendida de maneira válida, em razão da informação chegar com mais facilidade e rapidez, ao apresentar os desafios de aprender cada vez mais. Percebe-se a formação como um instrumento que potencializa o acesso das pessoas à cultura, à informação e ao trabalho, desenvolvendo a democratização do conhecimento.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMA, Campus Caxias. e-mail: waldirene.araujo@ifma.edu.br.

² Professora da Universidade Federal do Piauí - UFPI; Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
e-mail: carmensafira@bol.com.br

A abordagem da temática Prática docente crítica e reflexiva: desafios na formação do jovem, objetiva analisar as relações entre a prática docente crítica e reflexiva e a juventude, verificando os desafios dessa prática na formação do aluno jovem.

O reconhecimento da necessidade da análise deste estudo, ocorreu a partir da experiência, do ano de 2010 aos dias atuais, como professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica, evidencia-se que o encontro com o jovem, no Ensino Médio, trouxe inquietações e desafios na prática docente, pela compreensão de que a juventude brasileira encontra-se envolvida em um número expressivo de questões sociais, culturais, educacionais e econômicas, atualmente, essas discussões apontam para a necessidade de uma reflexão crítica acerca das especificidades que definem a juventude no bojo das relações sócio educacionais presentes na contemporaneidade.

Neste trabalho, apresenta-se a problemática: como a prática docente crítica e reflexiva propicia a formação do aluno jovem a partir das relações estabelecidas no espaço escolar? A metodologia utilizada é de natureza teórico-descritiva, com a utilização dos recursos da pesquisa bibliográfica, na perspectiva da análise do objeto de estudo através das discussões conceituais da prática docente e formação do jovem. O referencial teórico está pautado nos autores de acordo com as categorias, **formação docente**: Day (2001), Gatti (2014), Nóvoa (1992; 1995), Imbernón (2002; 2010), Tardif (2002); **prática docente crítica e reflexiva**: Souza (2012), Freire (1997), Veiga (2013), Zeichner (1993); **escola e juventude**: Beáton (2005), Dayrell (1992; 2006), Levi; Schimitt (1996), Pais (1997), Sacristán (1994), Vigotski (2003), entre outros.

Argumenta-se que uma das principais ações do professor é desenvolver no aluno a disposição para a aprendizagem ao longo da vida, esta perspectiva centrada no aprendente necessita reconhecer suas características e sua cultura como fatores que propiciam a qualidade da aprendizagem do jovem e do desenvolvimento profissional pautado na prática docente crítica e reflexiva.

A presente temática é relevante na medida em que oportuniza maior visibilidade quanto à importância de se considerar a formação docente, contribuindo de maneira significativa para a prática docente crítica e reflexiva, direcionada para a formação do jovem, a partir de suas demandas e necessidades próprias perspectivando a compreensão de suas práticas como a manifestação do modo de ser jovem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia utilizada é de natureza teórico-descritiva, com os recursos da pesquisa bibliográfica, na análise do objeto de estudo através das discussões conceituais da prática docente e formação do jovem. Inicialmente, será discutida a formação docente, a partir de seu conceito respaldado na legislação educacional, bem como suas implicações no processo de ensinar e aprender. Posteriormente, evidencia-se a formação continuada através da necessidade de discutir os elementos que viabilizam ao docente compreender a realidade pedagógica.

A formação docente é compreendida como um processo de aprender a ensinar e de aprender a ser professor que tem início antes da formação acadêmica, estendendo-se por toda a vida profissional. Essa formação deve ser considerada como um *continuum*, que se estende em toda carreira docente, podendo se distinguir nessa formação profissional fases que conduzem à aquisição de saberes e competências diferenciadas. Tardif (2002), não se limita à formação inicial, mas se estende para a formação, quando do momento da entrada na carreira docente envolve todo o exercício contínuo da profissão.

De forma instigante Larrosa (2006, p. 53), apresenta um conceito de formação “[...] a formação é uma viagem aberta, que não pode estar antecipada, na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, seduzindo a quem vai ao seu encontro, no qual esse alguém se constitui”. O autor contribui com essa análise no sentido de desmistificar a concepção de uma formação linear e homogênea, como se houvesse um percurso determinado.

O capítulo da história da educação sobre formação docente é imprescindível para a compreensão dos avanços que se fazem necessários na educação brasileira. A formação de profissionais da educação no artigo 62, da Lei n. 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) destaca:

A formação do docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a ser oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Diante desse quadro referencial, apesar da conquista legal, a formação em nível superior ainda é um desafio para os professores. O contexto histórico aponta que os processos de formação foram realizados para dar solução aos problemas genéricos, uniformes, padronizados. Estes problemas ocasionaram um sistema de formação *standard*, tendo como modelo o treinamento, onde o formador seleciona as atividades que supõe ajudar os professores obterem resultados satisfatórios na sua prática docente. Esta formação ilusória não considera a idiosincrasia do sujeito e do contexto. Como pontua Gatti (2014, p. 43):

[...] as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) não têm sido suficientes para criar uma nova ordenação curricular para o conjunto dos cursos, seja nas instituições públicas, seja nas privadas. Muitas das disposições dessas diretrizes não são observadas nos currículos, como mostram as pesquisas, por exemplo, sobre as horas dedicadas ao ensino. Mas há um outro lado: algumas dessas DCNs ainda não deixam claras as orientações formativas dirigidas a um perfil de professor, mostrando muito mais ênfase nos conhecimentos disciplinares de área de conhecimento específica e não com vistas à formação de educadores.

Neste contexto, os professores se tornam profissionais na formação inicial e nas experiências com a prática docente, mas é necessário destacar que o desenvolvimento profissional, atualmente, configura-se como condições que vão além de competências operacionais e técnicas de ensino, tornando-se uma integração nos modos de agir e pensar.

O professor deve analisar a educação como um compromisso político, carregado de valores éticos e morais, que considerem o desenvolvimento da pessoa e a colaboração entre iguais e que sejam capazes de conviver com a mudança e a incerteza, como sinaliza Imbernón (2002, p. 20):

[...] tudo isso nos leva a valorizar a grande importância que tem para a docência a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus iguais e com a comunidade que envolve a educação.

Nesse contexto, aprender a ser professor, não é tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdos e de técnicas para a transmissão deles. É uma aprendizagem que acontece através de situações práticas que sejam efetivamente problematizadas, exigindo o desenvolvimento de uma prática crítica e reflexiva. Destaca-se a contribuição trazida por Zeichner (1993, p. 55), quando diz:

[...] aprender a ensinar é um processo que continua ao longo da carreira docente e que, não obstante a qualidade do que fizemos em nossos programas de formação de professores, na melhor das hipóteses só poderemos preparar os professores para começar a ensinar.

Corroborar-se com essa ideia, compreendendo que a formação inicial tem como finalidade fornecer as bases para construir um conhecimento pedagógico especializado, uma vez que se constitui no começo da socialização profissional e assunção de princípios e regras práticas.

Para Tardif (2002, p. 288), “[...] a formação inicial visa habituar os alunos, os futuros professores à prática profissional dos professores de profissão e a fazer delas práticas reflexivas”. Para o autor, a formação do professor implica a imersão de uma reelaboração de

práticas, visando perceber através de ações reflexivas a produção dos saberes adquiridos na formação inicial.

A formação docente se constitui no processo de formação inicial e continuada, essas formações visam preparar os profissionais para atuarem nos espaços escolares com práticas mais criadoras. A formação continuada será tratada de forma mais específica no tópico a seguir pela necessidade de discutir os elementos que viabilizam ao docente refletir criticamente sobre a realidade pedagógica.

Na discussão sobre a formação continuada, compreende-se como um elemento imprescindível para a aprendizagem, com resultados que possam contribuir na qualidade da educação, esta formação é vista como um processo no qual o professor aprende a ensinar e a compreender a sua prática docente.

O processo de formação continuada é uma conquista da consciência do ser, quando a reflexão permear a prática docente e da vida será exigência *sine qua non* para que o homem se mantenha vivo, atuante no espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade. A formação de profissionais da educação no artigo 16, da Resolução n. 2, de 1º de julho de 2015, destaca:

A formação continuada compreende dimensões coletivas organizacionais e profissionais, bem como o pensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente.

A formação docente se apresenta na formação continuada como possibilidade para o professor repensar a realidade pedagógica com todos os dilemas que se apresenta, com os desafios do cotidiano, com as relações pessoais e com as interpessoais. Por essa razão, tem-se como objeto de estudo neste artigo a prática docente crítica e reflexiva na formação do aluno jovem, como um colaborador na produção dos conhecimentos a serem propiciados aos educandos, necessitando de uma reelaboração dos saberes produzidos nos seus modos de ser e fazer a docência.

Segundo Nóvoa (1992, p. 55), “[...] a formação continuada é uma saída possível para a melhoria da qualidade do ensino dentro do contexto educacional contemporâneo”. É uma tentativa de recriar a figura do professor e o respeito à sua profissão. Há um reconhecimento

por parte da categoria de professores que fazem parte da formação continuada, que além de se pautar na inteireza e na continuidade, deve considerar o professor-pessoa, e sua identidade profissional e pessoal. São partes do ser-professor-pessoa, que os docentes carregam consigo para todo lugar, independentemente de suas crenças, valores e projeções.

Day (2001), pontua que o desenvolvimento profissional dos professores é inerente as suas vidas pessoais e profissionais, bem como das políticas e contextos escolares que desenvolvem a atividade docente. Por isso, a trajetória formativa apresenta o ser e fazer do professor como elemento que impulsiona o pensar estratégico, propiciando o desenvolvimento do ambiente educacional, relevante à efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

Nesta discussão, urge a necessidade de potencializar a formação continuada de professores, a partir de novos processos teóricos e práticos da formação. Como por exemplo, as relações entre os professores, seus processos emocionais e atitudinais, a possibilidade da auto formação, a formação com a comunidade, entre outros elementos que apontem atitudes morais e intelectuais, como compromisso com os alunos e com a sociedade.

Nesta reflexão crítica, a formação continuada deve fomentar o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores na perspectiva de potencializar um trabalho colaborativo para transformar a prática. Para motivar a formação continuada é necessário gerar a motivação intrínseca relacionada ao “ser professor”. Se os docentes estão desmotivados é necessário encontrar mecanismos para a motivação extrínseca, por exemplo, trabalhar com melhor qualidade, para elevarem a autoestima e se realizarem profissionalmente.

Sob este olhar, afirma-se que a educação só muda se os professores e os contextos mudarem. Imbernón (2010), destaca algumas mudanças necessárias, dentre elas a escola como foco do processo “ação-reflexão-ação” como desenvolvimento e melhoria no processo educacional. O autor citado, defende, ainda, a promoção da autonomia das instituições escolares e as condições para que esta se produza.

Comunga-se com Imbernón (2010), no que se refere a repetição nos discursos sobre formação de professores, sendo necessário analisar as aprendizagens para buscar mudanças e inovação. As discussões apresentadas correspondem às ideias de Nóvoa (1992), ao apontarem que a formação continuada deve estimular uma perspectiva reflexiva e crítica, com vistas a propiciarem aos docentes estratégias de um pensamento autônomo. Complementa-se essa análise afirmando que a formação continuada é um investimento pessoal, constituindo-se como um trabalho livre e criativo sobre os caminhos e projetos próprios, visando o desenvolvimento profissional e pessoal.

Para proporcionar fundamentos à prática docente, o pensar e o repensar de toda e qualquer formação são dinâmicas necessárias, devido à condição histórica da sociedade humana, enquanto espaço/tempo em que a ela se estrutura como base nas concepções éticas, culturais, pedagógicas e científicas. Compreender a formação continuada de professores implica, entre outras reflexões, pensar que a qualidade do ensino perpassa por uma formação crítica e reflexiva, no entendimento de que a prática é a referência da teoria, sendo fundamento de uma prática estruturada.

Estas discussões direcionam o próximo tópico sobre a prática docente crítica e reflexiva na formação do aluno jovem, considerando que o processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para que sejam profissionais reflexivos ou investigadores, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apontam que entre as relações entre prática docente crítica e reflexiva e a formação do jovem no contexto escolar, a atividade docente na tendência crítica e reflexiva visa estimular o aluno a buscar seus motivos e objetivos para estarem na atividade de aprender.

O professor, como protagonista de seu percurso profissional, encontra razões para investir na construção de suas experiências educacionais, desenvolvendo ações significativas ao contexto de sua atuação, num processo de ressignificação dos atos que produz, através de uma consciência crítica sobre o “ser professor” na complexidade educacional atual.

No espaço da sala de aula a prática docente se configura na complexidade da ação, como aponta Souza (2012, p. 26) “[...] diagnosticar o contexto, tomar decisões, atuar, avaliar para reconduzi-la a um sentido adequado”. Corroborando com o pensamento do autor a prática docente será entendida, neste estudo, como a forma de atuar do professor em sala de aula, através de um movimento contínuo e dialético no sentido de refletir e reconstruir seu trabalho.

Segundo Freire (1997, p. 25), “o momento fundamental na formação de professores é o da reflexão sobre a prática”. A reflexão é essencial para o desenvolvimento da ação do professor, contribuindo para que seja um profissional reflexivo, crítico, autônomo, criativo, aberto a novas possibilidades e apto a contribuir com o processo de ensino, valorizando a reflexão na experiência, como um momento de construção de conhecimento.

O professor não deve refletir unicamente sobre sua prática, sua reflexão visa alcançar a emancipação das pessoas. A formação docente deve ser um espaço de reflexão e de inovação, tendo em vista a aprendizagem dos professores, movendo-se entre a dialética de aprender e de desaprender. Zeichner (1993), afirma que a emancipação do professor através de práticas reflexivas o leva a ter mais autonomia, a refletir na ou sobre a ação.

A prática docente crítica e reflexiva tem caráter criador e parte do contexto social ao possibilitar que o professor analise de forma crítica o contexto social, verificando as condições de intervenção e transformação social. Veiga (2013), pontua que através da prática crítica e reflexiva a relação pedagógica autoritária é superada para ser construída a ação recíproca entre professor e aluno.

Na articulação entre a prática docente crítica e reflexiva e a formação do jovem torna-se uma possibilidade de perceber o professor a partir de suas experiências pessoais e profissionais. Nóvoa (1995), destaca que a profissão precisa de se dizer e de se contar como uma maneira de compreendê-la em toda a sua complexidade humana. O autor explica que ser professor cruza a maneira de ser com o modo de ensinar, e que desvenda, na maneira de ensinar, a maneira de ser do professor.

Compreender essa realidade significa valorizar o professor como sujeito ativo e criativo, com autonomia para sugerir, questionar e interferir de maneira crítica no exercício da sua profissão. Situa-se esse profissional da educação como um sujeito aprendente e protagonista de suas próprias ações, como aponta Freire (1997), um ato dialógico de humanização e de liberdade, um processo gestado pela consciência reflexiva das capacidades pessoais de criar e de recriar outras formas de fazer e de interpretar os saberes educacionais.

Na abordagem do tema juventude sempre é questionado o seu conceito, afirma-se que não existe uma definição única da categoria em questão. No senso comum, o termo juventude remete a um ciclo da vida, definido como a transição da infância para a condição de adulto. Nesse estudo, será considerado a concepção de Pais (1997), a juventude é vista como uma fase da vida marcada pela instabilidade e por problemas sociais. Opta-se pelo direcionamento do potencial positivo das juventudes, como exemplo de revitalização social e compreendida como uma construção cultural, social e histórica.

Ao fazer referências ao jovem na atualidade, também, não é possível se centrar, em determinado enfoque biológico, uma vez que ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária de definição cultural. Levi e Schimitt (1996), sinalizam que não há limite fisiológico suficiente para identificar analiticamente uma fase da vida, essa é esclarecida pela determinação cultural das sociedades humanas. As diferentes dimensões da

condição juvenil se configuram a partir do espaço onde são construídas, passando a ter sentido próprio os jovens vão se constituindo como tais, com uma identidade marcada pela diversidade nas suas condições sociais e culturais.

Ao chegar na escola, o jovem, deve ser considerado, enquanto sujeito, como fruto de um conjunto de experiências vivenciadas nos espaços sociais, a partir dessa articulação os jovens elaboram sua própria cultura de acordo com a realidade onde se inserem. Nesse entendimento, afirma-se que não há uma realidade única, como preconiza Sacristán (1994, p. 70):

O mundo real não é um contexto fixo, não é só nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido à vida.

Nesta análise, os jovens que chegam à escola são sujeitos socioculturais, tornam-se necessário as discussões de como a prática docente crítica e reflexiva propicia a formação do aluno jovem, compreendendo-o na sua diferença, enquanto ser que possui história, visão de mundo, valores, sentimentos, emoções, projetos, com comportamentos que lhe são próprios. Como pontua Dayrell (2006), o jovem possui acesso a diversas referências culturais, as quais estabelecem um conjunto heterogêneo de redes de significados que se articulam e dão significado à sua vida cotidiana.

Nesse pensamento, a formação do jovem é constituída nas relações que são estabelecidas, o jovem constrói e é construído socialmente e como se representa é fruto do seu processo de formação. Portanto, o professor deve ser considerado como um “formador de pessoas”, visto que muitos valores são adquiridos durante o percurso escolar. Essa análise se entrecruza com a formação de professores ao evidenciar a singularidade do educando. Beatón (2005) enfatiza que, a formação do sujeito é um processo complexo, que tem sua origem nas condições e na organização social e cultural, cuja influência recai sobre o sujeito ao longo de sua trajetória pessoal.

Como anuncia Vigotski (2003), o sujeito se constitui na relação com o outro, em sua incessante interação com o contexto social e cultural que influi sobre ele. De forma dialética o sujeito transforma o meio e transformar-se a si próprio nesse movimento. Essa transformação

não ocorreria, se o indivíduo não vivesse em sociedade, por isso é histórico, cultural e produzido nas relações que são tecidas entre os sujeitos que se lançam ao encontro do outro.

A partir das considerações sobre juventude compreende-se que são aspectos fundamentais para uma aproximação das construções sociais e culturais, considerando que o jovem, na contemporaneidade, tem se caracterizado por suas diferentes culturas, que afloram em muitos lugares como sujeito de uma condição cultural que se modificam, se transformam e se constituem de diferentes maneiras de ser e estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender formação docente articulada à prática docente crítica e reflexiva na formação do aluno jovem, é necessário partir dos estudos da complexidade de ensinar e aprender, sobretudo, necessidade de apropriação dos processos escolares históricos e culturais atuais.

O estudo desta temática possibilitou a compreensão de que as relações entre a prática docente crítica e reflexiva na formação do jovem são parte de um ideal formativo, pressupõe que o saber fortalece e liberta, no sentido de superar as limitações que emergem no ato de ensinar e aprender para entender e participar do mundo como sujeitos (professores e alunos), proporcionando diferentes formas de ser e estar no mundo. Esta é a principal funcionalidade da formação, considerando que o sujeito da modernidade é um ser que se torna humano pela possibilidade de ser autor em sua (re)construção, através da reflexão crítica devidamente formada.

O espaço escolar pode e deve ser um ambiente de formação ampla, aprimorando as dimensões e habilidades que constituem seres humanos, considerando que a construção do conhecimento, as relações sociais, as experiências culturais contribuem no desenvolvimento do aluno como sujeito sociocultural.

Neste estudo, desenvolveu-se um olhar sobre a prática docente crítica e reflexiva, considerando, também, a escola enquanto instituição dinâmica no processo de formação do aluno jovem. No entanto, a escola contribui, em parte, neste processo formativo visto que a vivência juvenil é marcada pela tensão e constrangimentos na complexa tarefa da constituição do ser jovem. Convém esclarecer que não se nega os avanços das últimas décadas, sobretudo, no acesso à escola, mas são necessárias discussões críticas e reflexivas sobre a prática docente no sentido de reconhecer o jovem na sua singularidade, de experimentação e aprendizagem da autonomia, que o torne capaz conduzir a construção de si.

Evidencia-se que a formação continuada de professores, deve criar espaços de formação que viabilizem os formadores passarem do ensinar ao aprender. Esse caminho define que a formação docente não tem como única finalidade o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais, mas aponta possibilidades ao profissional da educação uma prática docente crítica e reflexiva, tendo em vista que permite o pensar sobre o fazer orientando a transformação da prática.

É urgente o incentivo à formação docente que contemple a perspectiva da prática crítica reflexiva, orientando a atividade da ação docente em direção à formação do aluno jovem, revela o compromisso do professor com a sociedade, a partir de sua finalidade de contribuir com a formação consciente e crítica do jovem que atua e interage no contexto social.

REFERÊNCIAS

BEATÓN, Guillermo. **La persona en lo histórico cultural**. São Paulo: Linear B, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2**, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (Cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: MEC/ CNE, 2015.

DAY, Christopher. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto, PT: Porto, 2001.

DAYRELL, Juarez. A educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 15, p. 21-29, jun. 1992.

_____. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, nº 100, dez./jan./fev. 2013-2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Formação continuada de professores**. Tradução de Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre experiências e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 30-42, jan/fev/mar/abr, 2002.

LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean Claude. (Org.). **História dos jovens I: da antiguidade à era moderna,** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação.** Lisboa, PT: Dom Quixote, 1992.

_____. **Profissão professor.** Lisboa, PT: Porto, 1995.

PAIS, José. Machado. **Culturas juvenis.** Lisboa, PT: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1997.

SACRISTÁN. José Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ A.I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino.** Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Artmed: Porto Alegre, 1994.

SOUZA, João Francisco. **Prática pedagógica e formação de professores.** 2. ed. Recife: EDUFPE, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 5. ed. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA. Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática.** 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZEICHNER, Kenneth. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas.** Lisboa, PT: Educa, 1993.